

## EDITORIAL

### **Saúde, trabalho e qualidade de vida na sociedade contemporânea: desafios e perspectivas**

As mudanças ocorridas nos ambientes de trabalho na era pós-industrial, as quais possuíam o intento de construir alternativas que consolidassem a participação humana como fator primordial para o alcance com sucesso ao objetivo proposto, infelizmente, não logrou êxito, tendo encontrado variados desafios no tocante ao empoderamento social.<sup>1</sup> As diferenciadas formas do trabalho flexível, contratos precários, carga horária extensa, ambientes inadequados para o exercício profissional, hierarquização vertical, assédio moral e desvalorização são quesitos presentes no mundo moderno que tem levado o trabalhador ao adoecimento.<sup>2</sup>

Tendo parte da sociedade, concebido a falta de empoderamento amplamente almejada pelos detentores do capital, em sua ótica, todas as formas de exploração têm se tornado consequências inevitáveis para a manutenção no mundo do trabalho, ainda que nefastas à saúde física e psíquica do trabalhador. Portanto, adoecer pelo trabalho tem ganhado conotação de naturalidade, ao invés de indignação!

Na atual era tecnológica, globalizada e individualizada, ter qualidade de vida com atividades de lazer, segurança, transporte, harmonia, respeito social, remuneração digna, acesso digno aos serviços de saúde, tem se tornado fator cada vez mais complexo, fazendo com que a sociedade, cada vez mais, busque diferentes formas de mutação para conseguir se adaptar às necessidades exigidas. O importante é ter vida e estar na disputa, viver com qualidade é um fator secundário!

Dentre os variados ambientes de trabalho com tais características, merece destaque o ambiente acadêmico, no

**Luiz Almeida da Silva<sup>1</sup>**

1. Professor do Curso de Enfermagem da Regional Catalão – UFG  
Doutor em Ciências – Linha Saúde do Trabalhador  
e-mail: enferluiz@yahoo.com.br

qual os docentes possuem altas demandas de produtividade científica, competitividade, cobranças excessivas, associadas à desvalorização social, poucos recursos materiais e financeiros.

Nessa corrida desenfreada, ao esquecermos de que o corpo físico e psíquico, necessitam para a manutenção da homeostase de condições humanas básicas, inicia-se o processo de alteração do ritmo biológico, redução de rendimento, sonolência excessiva e, conseqüentemente, instalação do adoecimento, dentre eles: o estresse, a ansiedade generalizada, a síndrome de *Burnout*, dentre outras.<sup>3</sup>

O entendimento da relação entre a tríade: saúde, trabalho e qualidade de vida torna-se premente para toda a sociedade que vive do trabalho, necessita de saúde para exercer suas atividades cotidianas e laborais e almeja ter uma inserção social com dignidade. Contudo, não basta apenas entender a interconexão da tríade e, alienado, não buscar comportamentos individuais e coletivos para o empoderamento de si e de outrem, visando a construção de uma sociedade crítica, atuante e consciente de seu papel no campo democrático, no tocante aos direitos e deveres como trabalhadores, promotores da saúde coletiva e sujeitos com efetivo exercício da cidadania.

O autocuidado profissional deve sempre preceder à atividade laboral, pois um trabalhador com saúde e elevada percepção da qualidade de vida, certamente conseguirá dar o melhor de si, nas diferentes modalidades de trabalho.

Na atual edição da revista *Movimenta*, o leitor irá encontrar alguns artigos sobre a saúde no ambiente de trabalho e dentre eles um artigo específico sobre a síndrome de *Burnout* em estudantes de fisioterapia.<sup>3</sup> Convidamos os leitores da revista para aproveitarem as publicações.

### Referências

1. Lancman S, Sznelwar LI (org). Chirstophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Tradução de Franck Soudant. 3ª ed. Paralelo 15/ Rio de Janeiro; Fiocruz, 2011.
2. Antunes R. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 15ª ed. Cortez Editora; São Paulo, 2011.
3. Souza CEA, Silva EAS. Síndrome de Burnout em estudantes de fisioterapia. *Movimenta*. 2017; 10(3): 609-617.